



Capítulo IV

Violências contra povos indígenas isolados e de pouco contato

Relação dos povos isolados
ameaçados de extinção 188

Relação de povos indígenas de contato
recente ameaçados de extinção 191



O povo Awá-Guajá sobreviveu a massacres nos anos 70. Parte deles vive isolada, enquanto outro grupo mantém contato com a sociedade envolvente. O território deste povo está invadido e atualmente sua sobrevivência é ameaçada sobretudo pela exploração de madeiras.



Povos indígenas continuam sendo exterminados na Amazônia

Os regionais do Cimi que atuam na região Amazônica identificaram mais de 60 povos indígenas sem contato com a sociedade envolvente que estão em situação de risco⁽¹⁾. Destes, 17 estão na iminência de extinção devido a práticas de genocídio que se reproduzem até os dias atuais.

Os povos indígenas atingidos por esse crime contra a humanidade localizam-se sobretudo em Rondônia, no norte do Mato Grosso e no sul do Amazonas. Este crime de genocídio tem sido praticados por grupos de extermínio a serviço de grileiros de terras públicas, madeireiros e fazendeiros. A estratégia é acabar com todo e qualquer vestígio de presença indígena para inviabilizar a demarcação de suas terras, liberando-as para a apropriação privada, exploração dos recursos naturais, a pecuária e o agronegócio.

Com o aniquilamento das culturas milenares – e de tudo o que elas representam em termos de sabedoria, diversidade e pluriculturalidade – são removidos os últimos obstáculos para a destruição total do meio ambiente.

O crime de genocídio se repete até os dias atuais por causa de um Estado ausente, omissivo e muitas vezes conivente, incapaz de assegurar a vida e o bem-estar da população diante de aventureiros inescrupulosos que fazem as suas próprias leis, orientados pela ganância e pelo lucro fácil.

Das 17 situações aqui relatadas, casos nos quais o extermínio indígena é iminente, destacam-se a história de um único sobrevivente indígena conhecido como “índio do buraco”, a dos índios Piripkura, e dos indígenas do rio Pardo, no Mato Grosso.

Pouco contato

Além dos casos acima descritos, existem distintos povos indígenas de contato recente (ou pouco contato) com a sociedade envolvente que estão igualmente ameaçados por massacres e que já não conseguem fugir da violência das frentes de colonização e da expansão econômica capitalista, que, por onde passa, deixa a terra arrasada. Alguns são empurrados para dentro das terras de outros povos. Outros são removidos de seus territórios tradicionais, em flagrante desrespeito às normas constitucionais, a exemplo do que aconteceu com o povo Jururei (RO) e com o povo Juma (AM). Este último foi removido pela Funai do território Juma para a terra indígena Uru-Eu-Wau-Wau, em Rondônia.

Os exemplos citados revelam que os massacres de povos indígenas não são coisas do passado. Eles continuam acontecendo nas décadas de 80 e 90 e lamentavelmente se repetem na década atual. Infelizmente, é possível presumir, em um contexto em que não existem limites para a voracidade da expansão capitalista, onde as agências governamentais são inoperantes com suas estruturas sucateadas, em que funcionários públicos omitem informações para beneficiar os donos do poder econômico, em que o silêncio da mata é a certeza da impunidade, que a violência praticada contra os povos indígenas na Amazônia nos dias atuais, ainda é enorme.

⁽¹⁾ A política do Cimi em relação aos povos sem contato é, historicamente, de evitar que esses povos sejam forçados ao contato com as sociedades que os envolvem. Durante as décadas de 70 e 80, quando havia informação de que o risco de massacres ou de extinção do povo era grande, a atitude foi de iniciar contatos. Desde os anos 1990, no entanto, em todos os casos a luta do Cimi tem sido para que o Estado garanta as condições para a sobrevivência do povo, através de demarcação de terras e de fiscalização dos territórios, para que seja respeitado o desejo das populações em continuarem vivendo sem contato com a sociedade envolvente.

Relação dos povos isolados ameaçados de extinção

AC

Referência/povo: Isolados do rio Chandless

Município: Manoel Urbano e Santa Rosa

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Governo do Acre criou um Parque Estadual dentro da área tradicionalmente ocupada pelos índios. A equipe do Cimi fez um levantamento de informações na região em 2004 recolhendo depoimentos de moradores antigos e índios Madijá da terra indígena Alto Purus, no qual os Madijá levantam a hipótese do grupo sem contato ser também Madijá. O Cimi, através de seu regional no Acre, entrou com uma representação no MPF/AC pedindo interdição das terras para estudo pela Funai.

AM

Referência/povo: Isolados do Igarapé Jacareúba/Katauxi

Município: Lábrea/Canutama

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: A expansão do agronegócio na região amazônica, que leva desmatamento e monocultura de soja para locais próximos de onde vivem os grupos isolados, traz risco de extinção para estes povos. De acordo com a Funai local, os indígenas foram vistos por castanheiros no mês de janeiro de 2006, na região do rio Imaha, afluente do rio Mucuí, Suspeita-se que os indígenas são deste grupo isolado. Desde a década de 70 a equipe do Cimi em Lábrea tem informações sobre a existência de índios isolados nessa região, através de moradores ribeirinhos.

AM

Referência/povo: Isolados do Alto rio Marmelos

Município: Humaitá e Manicoré

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Em suas assembléias, os Tenharim sempre falam sobre a existência de índios isolados na região onde vivem. Comentam que encontram vestígios quando coletam castanha. A ameaça àqueles grupos, segundo eles, vem dos plantadores de soja que estão se apropriando das terras de campos naturais da região. É possível que os isolados sejam parentes dos Tenharim. Essas informações constam dos relatórios das Assembléias Indígenas da APITEN (Associação dos Povos Indígenas Tenharim).

AM

Referência/povo: Isolados do Kurekete

Município: Lábrea

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Há informações de desmatamento acelerado na região onde vivem os índios. Documentos pedindo providências foram encaminhados pelo povo Kaxarari aos órgãos públicos. Também a equipe do Cimi

em Lábrea (AM), junto com União dos Povos Indígenas do Médio Purus (UPIMP), encaminhou, em 1998, documento para a Funai/Brasília. O Ibama já realizou operações na região, na tentativa de impedir as agressões contra o meio ambiente. Nenhuma providência foi tomada pela Funai.

AM/MT

Referência/povo: Isolados do Bararati

Município: Apui, AM e Cotriguaçu no MT.

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Exploração madeireira, garimpeira, fazendas e projetos de colonização são ameaças à sobrevivência destes indígenas, que vivem na região da fronteira noroeste do Mato Grosso com o sul do Amazonas. Há pelo menos três informações sobre lugares onde este povo vive ou frequenta. Segundo a equipe do Cimi que atua na região, eles se localizam entre o Igarapé Anil e o rio São Tomé, afluentes do rio Juruena. A equipe local do Cimi em Aripuanã teve informações da existência desse grupo através de um topógrafo que fez medições de terra nessa região em 1998. Segundo o topógrafo, esses índios se localizam nas cabeceiras do rio Água Branca, na Serra do Sucunduri, no estado do Amazonas. E, de acordo com o Instituto Socioambiental, com base em dados da Funai de 1987, localizam-se no rio Bararati e rio Maracanã, município de Apui, no Amazonas.

AM/MT

Referência/povo: Isolados do Rio Pardo.

Município: Apui e Colniza

Situação da terra: Terra Interditada - Portaria da Funai 521/05

Situação de risco: Existe uma denúncia de genocídio no MPF/RO e MPF/MT. Segundo essa denúncia, esses índios foram massacrados no final de 2004 ou no início de 2005 por um grupo de madeireiros, com participação de um ex-delegado de polícia do Mato Grosso. A terra indígena está sendo tomada por mais de 100 invasores articulados pela Associação dos Proprietários Rurais de Colniza. As terras estão sendo grilladas e rateadas entre grandes madeireiros e latifundiários. Órgãos de imprensa informaram na final do ano passado que a Funai encontrou um grupo de oito invasores com duas bombas e armas de fogo, possivelmente para expulsar os índios. Em outubro de 2005, a Frente de Proteção Etnoambiental Madeirinha da Funai fez contato visual com um grupo de três índios sobreviventes. O encontro foi mostrado pelo programa Fantástico, da TV Globo.

A terra indígena foi interditada inicialmente pela Portaria da Funai 447/01 e atualmente está interditada pela Portaria 521/05, mas a falta de fiscalização da área permite a entrada constante de invasores. Até o momento, não foi criado um Grupo Técnico para iniciar o procedimento da demarcação dessa terra indígena.

No final de novembro de 2005 a operação Rio Pardo da Polícia Federal, a pedido do MPF/MT, prendeu 29 pessoas acusadas de grilagem de terras públicas nessa região. Elas respondem a processo em liberdade. Pessoas do Cimi e da Funai na região estão ameaçadas de morte.

MT

Referência/povo: Isolados rio Moreru/Pacutinga

Município: Cotriguaçu

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Os índios Rikbaktsa relatam a existência desse grupo denominando-os Yakara Waktá (moradores do mato). A partir da informação dos Rikbaktsa, em 1984 uma equipe do Cimi deslocou-se para a região para obter mais informações sobre a localização do grupo. De acordo com as informações colhidas, eles estariam localizados nas cabeceiras dos igarapés Pacutinga e Moreru, afluentes do rio Aripuanã. Não existem informações recentes sobre esse grupo. A região hoje é alvo de madeiras e grilagem de terras para o plantio de soja.

MT

Referência/povo: Isolados Piripkura

Município: Colniza

A identificar

Situação de risco: Há notícias de três índios desse grupo, conhecido como Piripkura, de fala Kawahib. Auto-denominam-se de Tã-Igwé. Uma mulher foi encontrada pela Funai em 1985 na fazenda Mudança. Hoje ela tem o nome de Rita, é casada com um Karipuna e mora na terra desse povo. Há ainda dois homens (um de nome Tape), que foram levados doentes para Ji-Paraná por um fazendeiro em 1997. Depois do tratamento, feito através da Funai em Porto Velho, foram levados de volta, desaparecendo na mata. Localizam-se na região dos rios Madeirinha, Branco e Roosevelt. A Frente Etnoambiental Madeirinha da Funai atua nessa região.

Fazendas tomaram conta das terras onde vivem e circulam estes indígenas. Tape conta que seu grupo foi massacrado e procura pelos sobreviventes. Os índios Gavião e Zoró contam que era um grupo grande que vivia próximo de suas terras. A terra desse povo consta do mapa da Funai de 2002, mas o procedimento demarcatório encontra-se paralisado.

MT

Referência/povo: Isolados chamados “Baixinhos”

Município: Aripuanã

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Estão localizados no rio Guariba, afluente do rio Aripuanã. Com a redução da terra indígena Arara do Rio Branco, eles ficaram sem terra demarcada e localizados na rota do agronegócio e de projetos de assentamento. Sua presença foi percebida pela última vez na terra indígena Arara. Há dois anos não se tem notícias desse povo.

RO

Referência/povo: Isolados do rio Tanaru – índios do buraco

Município: Chupinguaia

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: A Funai tem forçado o contato com um índio sobrevivente de massacre para liberar a terra para os fazendeiros. Em 1996, o Cimi em Rondônia recebeu informações de que, além do massacre dos Sem Terra em Curumbiara, também teria acontecido um massacre de índios isolados na região. Existem relatos de outros massacres de índios isolados nesta região, e a Funai teria conhecimento destas ocorrências.

Em 1997, a Frente de Proteção da Funai fez imagens mostrando um trator de esteira destruindo os vestígios da presença indígena. Imagens da Funai também mostram a tentativa de contato com esse índio isolado que se esconde em um buraco. Em 2005, a Funai forçou novo contato com esse índio, que resistiu flechando um dos funcionários do órgão indigenista.

Mesmo após 10 anos, a Funai não tomou nenhuma providência para garantir a terra indígena, apurar as violências cometidas contra os índios isolados e punir os agressores.

RO

Referência/povo: Isolados Jururei

Município: Alvorada do Oeste

Situação da terra: Terra Interditada pela Funai

Situação de risco: Com a invasão de suas terras por colonos e fazendeiros, esse grupo indígena isolado está sendo empurrado para dentro da Terra Indígena Uru-eu-wau-wau. Eles estavam localizados na Serra do Urupá, na Reserva Florestal Urupá. Levantamento da Funai na década de 1990 constatou a presença indígena com muitos tapiris (acampamentos, casas provisórias usadas por índios), o que também foi observado pela Missão do Banco Mundial no contexto do Plano Agropecuário e Florestal do estado de Rondônia (Plana Flora).

O avanço dos invasores vai expulsando os índios de seu território tradicional. O tamanho da terra interditada foi diminuído drasticamente pela Funai. Teme-se a desinterdição total e conseqüentemente a expropriação desses índios de suas terras tradicionais. O Ibama tem uma fotografia aérea, de 2005, mostrando uma aldeia desse povo.

RO

Referência/povo: Isolados do rio Novo e Cachoeira do rio Pacaa Nova

Município: Guajará Mirim

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Estão dentro da Reserva Extrativista do rio Pacaá Nova, que tem um plano de manejo prevendo a instalação de uma serraria. Existem garimpos na região. Esse grupo tem contato com dois índios velhos do povo Uru-Eu-Wau-Wau. Em 2005 um Uru-Eu-Wau-Wau disparou contra alguns índios desse grupo isolado que

buscavam novamente se encontrar com os dois Uru-Eu-Wau-Wau mais velhos. Desde então não se tem mais notícias do grupo.

RO

Referência/povo: Isolados do rio Mutum - Uevae

Município: Nova Mamoré e Porto Velho

Sem providência

Situação de risco: Grilagem de terras públicas na região. O grupo vive próximo à terra indígena Karipuna. Na década de 90 circulavam muitas informações sobre a existência desse grupo. A notícia mais recente foi obtida em 2001, pelo Cimi em Rondônia, e veio de uma liderança comunitária da região.

RO

Referência/povo: Isolados do rio Formoso e Jaci - Paraná

Município: Nova Mamoré, Buriti e Campo Novo.

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Os índios Pacaa Nova informam da existência de vestígios de indígenas isolados nessa região desde a década de 90 até hoje. A Coordenação da União das Nações e Povos Indígenas de Rondônia (Cunpir) fez uma expedição à região e também encontrou vestígios. Em 2005, também o povo Kassupá informou o Cimi em Rondônia sobre a existência de vestígios desse índios.

RO/AM

Referência/povo: Isolados do Igarapé Karipuninha

Município: Porto Velho e Lábrea

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Ameaçados pelas hidrelétricas de Santo Antônio e Girau, no Rio Madeira, e pelo agronegócio. Habitam a região entre Rondônia e Amazonas, onde há um assentamento do Incra, chamado Joana D'arc, plantadores de soja e grandes fazendas de gado.

RO

Referência/povo: Isolados do rio Candeias

Município: Porto Velho

Situação da terra: Sem providência

Situação de risco: Ameaçados por grileiros de terras públicas na região, por madeireiros e por garimpeiros dentro da Floresta Nacional Bom Futuro. Em 1999 um grupo de madeireiros de Alto Paraíso foi atacado pelos índios isolados dentro da reserva Florestal Bom Futuro, segundo moradores da região. Existe a informação recente de um índio Karitiana comunicando a presença de garimpeiros na região.

MA

Referência/povo: Awá Guajá

Município: Zé Doca, Bom Jardim, Carutapera

Situação da terra: Presença nas Terras Indígenas Awá – Homologada; Caru – registrada; Arariboia – registrada; e Alto Turiaçu - registrada.

Situação de risco: Estima-se que existam entre 60 e 100 Awá Guajá em situação de isolamento. Alguns grupos desse povo foram contatados pela Funai na década de 70 e concentrados em 4 aldeias. São, em geral, sobreviventes de massacres executados a mando de fazendeiros e madeireiros.

Hoje há cerca de 300 Awá-Guajá, provavelmente a metade do número existente nos anos 60. Existem notícias da perambulação dos Awá-Guajá nas terras indígenas Awá, Caru, Arariboia e Alto Turiaçu. Apesar dos Awá perambularem por terras indígenas demarcadas, seu território tradicional encontra-se invadido. A sobrevivência do povo está ameaçada sobretudo pela exploração madeireira, que é de conhecimento da Funai, do Ibama e da PF. As poucas ações realizadas pelos órgãos públicos não resolveram o problema. O comércio de madeira na região continua sendo abastecido à custa das poucas florestas existentes no interior das terras indígenas.



Mulher Ava-Canoero (GO) – Liliane Luchin

Relação de povos indígenas de contato recente ameaçados de extinção

AM

Povo: Juma

Município: Canutama

Situação da terra indígena: A Terra Indígena Juma foi homologada pelo Decreto s/nº em 19/04/2005 com 38.351 hectares.

Situação de risco: Esse povo foi massacrado por castanheiros a serviço de comerciantes da região onde vivem, em 1964. Em 1999 a administração regional da Funai, em Rondônia, fez a remoção dos 6 sobreviventes do Igarapé Joari, contra a sua vontade, para a terra indígena Uru-Eu-Wau-Wau, em Rondônia. A remoção de grupos indígenas de suas terras é explicitamente vetada pela Constituição Federal. Quando chegaram nessa terra indígena, morreram os dois mais velhos, fato até hoje não esclarecido pela Funai. Foram arranjados casamentos das três moças Juma com rapazes Uru-Eu-Wau-Wau. Considerando os filhos que nasceram desses casamentos, o grupo atualmente é de 8 pessoas. Não existe vontade da Funai no sentido de promover o retorno dos Juma para suas terras, apesar da flagrante inconstitucionalidade do ato praticado, nem de garantir suas terras tradicionais. As terras tradicionais dos Juma estão na rota do projeto de gasoduto Coari(AM) – Porto Velho(RO).

AM

Povo: Suruaha

Município: Tapauá

Situação da terra indígena: A Terra Indígena Zuruahã foi registrada em 1996 no SPU com 239.070 hectares

Situação de risco: O povo ameaçado de ser massacrado na década de 70 por sorveiros (coletores do leite da sorveira, tipo de látex) foi contatado por uma equipe do Cimi em 1980, após dois anos de permanência dos indigenistas na região. Em 1983, a frente de atração da Funai, chefiada pelo sertanista Sebastião Amâncio da Costa, também fez contato.

Esse povo pratica a morte ritual, introduzida no início do século passado em consequência de massacres. É preocupante atualmente o aumento dessas mortes rituais, pois o desequilíbrio na estrutura social coloca em risco a sobrevivência do povo. No período de 2003 a 2005 morreram 28 pessoas, através de ingestão de veneno (kunaha). Esse aumento recente do número de mortes tem a ver com as freqüentes saídas dos índios para cidades, promovidas por missionários evangélicos com a convivência da Funai e da Funasa.

GO

Povo: Avá - Guajá

Município: Colinas do Sul e Minaçu

Situação da terra indígena: A Terra Indígena Avá - Canoeiro foi declarada em 02/10/1996, através da Portaria nº 598 com uma superfície de 38 mil hectares.

Situação de risco: Apenas 6 sobreviventes desse povo vivem nessa região. Suas terras tradicionais foram alagadas pela hidrelétrica Serra da Mesa. Existem também remanescentes nas terras indígenas Inawébohona e Parque do Araguaia, nos municípios de Pium, Formoso do Araguaia, Cristalândia e Lagoa da Confusão. Também em Parque do Araguaia, de acordo com a informação dos índios Karajá e Javaé, existe um grupo não contatado, que pode ser Avá -Canoeiro.

PA

Povo: Ugorogmo (Arara)

Município: Altamira, Uruará e Rurópolis.

Situação da terra indígena: A Terra Indígena Cachoeira Seca foi declarada através da Portaria do Ministério da Justiça nº 26, em 22/01/1993 com 760 mil hectares, uma redução de sua superfície de cerca de 35% do território tradicional. Por conta de decisões do Superior Tribunal de Justiça – STJ em dois Mandados de Segurança (MS 4819 e 4821) a presidência da Funai constituiu um Grupo Técnico para fazer estudos complementares, novo levantamento fundiário e um relatório ambiental. O procedimento administrativo está parado na Funai desde dezembro de 2005.

Situação de risco: Terra invadida por fazendeiros, posseiros e por um assentamento do Incra. A invasão começou com a abertura de uma estrada que corta a terra indígena, em 1989, pela madeireira Banach. A invasão está a três quilômetros de distância dos roçados dos indígenas, que já não circulam livremente por seu território. A pressão dos invasores suspendeu o processo demarcatório, trazendo insegurança para o futuro desse povo contatado em 1985 que, atualmente, é de 60 pessoas.

RO

Povo: Canoé e Akunsu

Município: Corumbiara, Chupinguaia e Colorado do Oeste.

Situação da terra indígena: A Terra Indígena Rio Omerê foi homologada, pelo Decreto s/nº em 19/04/2005 com 26.177 hectares. A área foi delimitada em 2002 com uma redução do seu território tradicional.

Situação de risco: A Frente de Contato Guaporé da Funai, em 1996, localizou 11 pessoas, sendo 4 Canoé e 7 Akunsu. Em 2005 morreram duas pessoas no contexto de uma expedição de fazendeiros no interior da terra indígena. Essa terra fica próxima à região do rio Tanaru, onde se tem informação, desde 1996, de um sobrevivente de massacre, possivelmente promovido por pecuaristas, conhecido como “índio do buraco”. No momento da identificação da terra indígena Omerê, a Funai, que conhecia a existência de outros grupos indígenas sem contato próximo da área, deixou terras fora da proposta de identificação, liberando-as para a ação dos invasores.

